**SEXUALIDADE INFANTIL: É PRECISO FALAR SOBRE ISSO!?**

Cíntia Taiza Klein[[1]](#footnote-1)

Deise Josene Stein[[2]](#footnote-2)

**Resumo:** Este trabalho tem o objetivo de trazer uma reflexão acerca da sexualidade na infância, tendo em vista que a mesma se manifesta na criança desde os primeiros anos de vida, a partir do nascimento. Levando em consideração que falar sobre a sexualidade ainda é difícil para alguns pais, educadores e adultos em geral. Ademais, é preciso reconhecer que a criança cria referência nos adultos de convívio e que a sexualidade não é vista da mesma forma para ambos. Além disso, o artigo busca especificar a sexualidade através da definição do termo na perspectiva de diferentes autores, a partir de pesquisa bibliográfica. Conclui-se assim, que é de fundamental importância que a temática da sexualidade seja abordada com as crianças, afim de que as mesmas construam um entendimento adequado sobre o próprio corpo e mundo, a partir das informações adequadas.

**Palavras-chave:** Sexualidade; Infância; Criança; Educação.

**1 INTRODUÇÃO**

Falar sobre sexualidade não é um assunto fácil para muitos pais, educadores e adultos em geral. Por muito tempo, esta temática era considerada imprópria para as crianças e adolescentes. Entretanto, sabe-se que a sociedade tem enfrentado muitas mudanças e atualmente percebe-se uma ampliação na difusão de conhecimentos e valores, sendo fundamental a abertura de diálogos entre adultos e crianças, para que as mesmas possam construir uma adequada e verdadeira visão de mundo.

Nos tempos atuais, as crianças sofrem uma forte influência da sociedade, dos meios de comunicação como a televisão, computadores e celulares, com o uso da internet, bem como sofre influência de pessoas, como amigos e familiares. Levando em consideração esses fatores, torna-se cada vez mais necessário que os pais e educadores que convivem com as crianças conheçam sobre o desenvolvimento das mesmas.

Nesse sentido, compreender que a criança possui sexualidade e entender o real significado do termo é de fundamental importância. Assim, este trabalho busca, através de pesquisa de cunho bibliográfico, apresentar aos pais, educadores e a quem mais possa interessar, a forma como sexualidade se apresenta na infância. Para este entendimento primeiramente se faz necessária a definição e reflexões sobre o termo, para que os mesmos possam lidar com a temática adequadamente, pensando no bem das crianças.

Entender que a sexualidade está presente na vida de um indivíduo desde o nascimento até a sua morte é essencial. Desde a concepção de um bebê, este já começa a construir a sua sexualidade. Esta que, vai para além do sexo, para a busca do conhecimento do corpo e mundo, das preferências e gostos, através de experiências aliadas ao que dá prazer.

**2 A SEXUALIDADE DA CRIANÇA**

É notório que a sexualidade ainda se apresenta como um tema difícil para pais e educadores trabalharem com as crianças, muitas vezes em função do grande tabu que o assunto enfrenta. Sanderson (2005) afirma que muitos ainda não se sentem à vontade para falar sobre a sexualidade, pois essa discussão enfrenta medos e ansiedades.

Segundo a autora “O sexo e a sexualidade podem ser associados a crenças negativas, como serem sujos, proibidos, degradantes ou representativos de dominação e submissão”. (SANDERSON, 2005, p. 26). Entretanto, falar sobre a sexualidade é essencial nos dias atuais e para tanto, é preciso desconsiderar o tabu existente.

Sobre o medo referente ao tema, a autora acima supracitada assegura:

Os medos e ansiedades dos adultos quanto à sexualidade, em especial, das crianças, são demonstrados pelo pouco que se conhece e que é realmente escrito sobre o desenvolvimento sexual de crianças, a não ser no que se refere a mudanças biológicas, anatômicas e hormonais. A sexualidade das crianças é uma das áreas relativas ao campo do desenvolvimento infantil mais carentes de pesquisa. Com exceção das formulações psicodinâmicas da sexualidade da criança, a maioria dos livros que tratam de seu desenvolvimento ignora em grande parte sua sexualidade, em especial antes da puberdade. (SANDERSON, 2005, p. 27).

Nunes (1987, p. 9) acredita que o tema já é mais livre, salientando que “Hoje todo mundo fala, mais ou menos livremente, de assuntos relacionados a sexo. Há ainda rígidos mecanismos de controle, repressão e muita ignorância sobre a questão, mas o assunto é bem mais freqüente do que alguns anos atrás”.

É perceptível que o autor, já no ano de 1987 discutia sobre a sexualidade e sobre a diminuição do tabu que a mesma enfrentava, entretanto, esse medo de falar sobre o assunto está presente ainda hoje nas famílias, escolas e sociedade, de menor forma, mas ainda muito presente.

O que se observa são as discussões acerca da mudança biológica pela qual o corpo passa e sobre prevenção, principalmente nas escolas, entretanto falar sobre a sexualidade ainda não é “confortável”. Claro que, não se pode generalizar, pois há pais que conseguem falar claramente com seus filhos, o que geralmente leva a resultados positivos.

Ainda é preciso levar em consideração que essa conversa normalmente começa a acontecer por volta dos dez anos de idade, quando a criança já assume um corpo em transformação. No entanto, é fundamental compreender que a sexualidade se inicia muito mais cedo e que mesmo um bebê já possui desejos e prazeres.

Nesse sentido, é pertinente que se entenda que a sexualidade está presente na vida da criança e que a mesma não deve mais ser considerada um tabu. Portanto, para que se possa compreender de fato a sexualidade, faz-se necessário primeiramente entender o conceito da mesma.

Segundo Aurélio, no seu Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa (1988, p. 598, grifo do autor), sexualidade é “**1**. Qualidade de sexual. **2**. O conjunto dos fenômenos da vida sexual. **3**. Sexo (3)”. Nesse sentido, sexualidade é um conjunto de características e valores determinados pelo sexo de cada indivíduo.

Além disso, é possível analisar o conceito de sexualidade a partir de alguns autores. Dessa forma, sobre a sexualidade e sua definição, Sanderson (2005, p. 29) apresenta que, “A sexualidade é construída biologicamente e socialmente e reflete crenças culturais e religiosas. É também acomodada no momento histórico no qual os indivíduos vivem, além de depender das atitudes e crenças da família em torno dela”.

A sexualidade não possui uma única definição. Guimarães (1995, p. 24, grifo da autora) exibe ainda outra definição de sexualidade:

*Sexualidade* é um termo também do século XIX, que surgiu alargando o conceito de sexo pois incorpora a reflexão e o discurso sobre o sentido e a intencionalidade do sexo. É um substantivo abstrato que se refere ao “ser sexual”. Comumente é entendido como “vida”, “amor”, “relacionamento”, “sensualidade”, “erotismo”, “prazer”.

Para Nunes (1987), a significação de sexualidade é histórica e inconstante, ou seja, pode modificar-se ao longo do tempo. O autor propõe que,

Importa-nos demonstrar que a sexualidade, enquanto dimensão humana, não pode ser reduzida a um objeto estranho, fora de nós, sobre o qual se faz um discurso técnico, frio, dogmático ou permissivo. Enquanto dimensão privilegiada do subjetivo, do existencial, e ainda mais se considerarmos as rotulações e controles religioso-morais históricos sobrepostos, a sexualidade só pode ser tratada de maneira profundamente próxima, densa de dignidade e humanismo, para ser eficaz e significativa. Isto requer conhecimento dos discursos teóricos cabais, dos dogmatismos de qualquer espécie e da suspeita, e equilíbrio, de nossas próprias contradições pessoais e culturais. (NUNES, 1987, p. 18).

Ainda para Sanderson (2005, p.30) “A sexualidade, portanto, inclui fatores biológicos e fisiológicos, assim como crenças socioculturais, que abrangem a interpretação e o significado do sexo e da sexualidade e seu propósito”. De uma forma semelhante, Morais, Penna e Progianti (2010, p. 1072) afirmam que “A vivência da sexualidade é uma experiência humana onde estão envolvidos fenômenos de emoção, prazer, comunicação, afetividade e outros”.

Ao analisar as definições dos autores aqui citados, é possível afirmar que a sexualidade abrange conceitos históricos e sociais, demarcados pela cultura de cada povo e tempo. Nesse viés, a sexualidade acompanha o indivíduo durante toda a sua vida. Além disso, a sexualidade é diferente em cada indivíduo, pois trata da experiência da busca pelo prazer.

Para Foucault (1988), a sexualidade é a verdade do sexo e de seus prazeres. Estando a palavra sexualidade interligada ao conceito “sexo”, faz-se necessário definir os termos.

Segundo Guimarães (1995, p. 23, grifo da autora),

*Sexo* é relativo ao fato natural, hereditário, biológico, da diferença física entre o homem e a mulher e da atração de um pelo outro pela reprodução. No mundo moderno o significado dominante do termo passa a ser *fazer sexo,* referindo-se às relações físicas para o prazer sexual. No senso comum sexo é ‘relação sexual’, ‘orgasmo’, órgãos genitais’, ‘pênis’.

Sobre a sexualidade e sexo, Foucault (1979) relaciona sexo a poder. Do mesmo modo, o autor ainda acrescenta: “O sexo foi aquilo que, nas sociedades cristãs, era preciso examinar, vigiar, confessar, transformar em discurso”. (FOUCAULT, 1979, p. 230).

Ainda em relação a sexualidade e a verdade do sexo e seus prazeres, o autor supracitado afirma:

O importante é que o sexo não tenha sido somente objeto de sensação e de prazer, de lei ou de interdição, mas também de verdade e falsidade, que a verdade do sexo tenha-se tornado coisa essencial, útil ou perigosa, preciosa ou temida; em suma, que o sexo tenha sido constituído em objeto de verdade. (FOUCAULT, 1988, p. 64-65).

Sob esse viés, percebe-se que a temática acerca do sexo começa a ganhar análises e é alvo de intervenções, em que se iniciam investigações. Guimarães (1995, p. 39) aponta que “O sexo começa a ser objeto de investigação científica em áreas diversas, como a medicina, a psicologia, a psiquiatria, o direito, a antropologia”.

Dessa forma, sobre o discurso do sexo, Foucault (1988, p. 29) afirma:

O essencial é bem isso: que o homem ocidental há três séculos tenha permanecido atado a essa tarefa que consiste em dizer tudo sobre seu sexo; que, a partir da época clássica, tenha havido uma majoração constante e uma valorização cada vez maior do discurso sobre o sexo; e que se tenha esperado desse discurso, cuidadosamente analítico, efeitos múltiplos de deslocamento, de intensificação, de reorientação, de modificação sobre o próprio desejo. Não somente foi ampliado o domínio do que se podia dizer sobre o sexo e foram obrigados os homens a estendê-lo cada vez mais; mas sobretudo, focalizou-se o discurso no sexo, através de um dispositivo completo e de efeitos variados que não se pode esgotar na simples relação com uma lei de interdição.

Na mesma perspectiva em que a temática sexual foi alvo de investigações, a sexualidade infantil também começou a ser reconhecida com o passar dos tempos. Desse modo, é preciso reconhecer que a criança possui sexualidade e que a mesma não faz referência apenas ao termo “sexo” e sim, pela busca de prazeres através da experiência.

Sobre a sexualidade infantil, Schindhelm (2011, p. 2) destaca que “(...) cada vez mais percebe-se que os pequenos têm desejos, experiências e fantasias sexuais”. Em continuidade, a autora acrescenta:

Assim como a infância nem sempre foi vista da mesma maneira, a sexualidade também é uma construção social definida por marcas culturais impressas antes mesmo da concepção de um bebê. Supondo o desejo de um casal de ter um filho, a sexualidade mostra-se presente desde a experiência sexual para fecundar o embrião, passando pelo imaginário dos pais acerca do gênero desta criança e pelas construções afetivas destinadas a este futuro bebê. (SCHINDHELM, 2011, p. 2-3).

Sanderson (2005, p. 30) afirma que “Como os adultos, as crianças são capazes de experimentar um enorme campo de experiências sensoriais, sendo, portanto, sensuais desde o nascimento”. Sendo assim, é possível afirmar que é nessa perspectiva que os adultos devem entender a sexualidade infantil.

Para aprender sobre o mundo, bem como aprender a conhecer seu próprio corpo, as crianças se detém da capacidade sensorial. “ As crianças nascem com uma série de experiências sensoriais, as quais são de gosto, cheiro, toque, som, visão e de movimento, tais como a proximidade íntima e o ambiente”. (SANDERSON, 2005, p. 30).

É através das suas experiências que a criança aprende a distinguir a diferença entre algo que ela goste ou não aprecie, ou seja, o que lhe dá prazer ou não. Nessa perspectiva, a autora acima supracitada assegura:

Pais e adultos ensinam as crianças como interpretar estímulos sensoriais e que palavras usar para descrever suas experiências. A criança que dá gargalhadas e ri com alegria quando alguém lhe coça os pés ou a barriga igualmente gargalhará e rirá quando tocarem sua genitália. A criança pequena não aprendeu que essa parte do corpo é uma zona sexual, visto que não tem uma conceituação adulta de sexo. Para ela, essa é apenas outra parte do corpo capaz de proporcionar reações agradáveis. O comportamento dos pais diante dessas reações e o modo como as identificam refletem-se na maneira pela qual a criança aprende a se sentir em relação ao seu corpo. (SANDERSON, 2005, p. 31).

Nesse sentido, pode-se afirmar que os conceitos de sexualidade são diferentes para a criança e para o adulto, que normalmente faz ligação erótica ao termo. As crianças sentem prazer ao experimentar o corpo através das experiências sensoriais, isso sem fazer uso erótico das partes genitálias.

Na relação entre o adulto e a criança sobre a sexualidade, Ariès (1981) afirma através de relatos da infância de Luís XIII que os adultos não respeitavam a sexualidade das crianças, sendo que atos grosseiros e impiedosos estavam presentes nas brincadeiras e atividades das mesmas.

A atitude diante da sexualidade, e sem dúvida a própria sexualidade, variam de acordo com o meio, e por conseguinte, segundo as épocas e as mentalidades. Hoje, os contatos físicos descritos por Heroard nos pareceriam beirar a anomalia sexual e ninguém ousaria praticá-los publicamente. Ainda não era assim no início do século XVII. (ARIÈS, 1981, p.. 78).

Do mesmo modo, Ariès (1981) assegurava que as crianças eram ainda submetidas a atividades de cunho sexual. Assim, é possível afirmar que se acreditava que a criança fosse indiferente à sexualidade.

Levando em consideração que a criança possui o comportamento influenciado pelos adultos de convívio, quanto à formulação de novas ideias, Schindhelm (2011, p. 12) afirma que,

É no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais, dentre elas as sexuais. Já na primeira infância, as crianças começam a formar as suas idéias sobre sexualidade, a partir do que observam e vivenciam na interação familiar, com seus pares e também com os educadores.

Em relação às influências que as crianças sofrem, Sanderson (2005, p. 31) apresenta que “Como a ênfase está na estimulação sensorial, as crianças aprendem a partir da sexualidade das experiências sensoriais a que seus corpos são expostos e da orientação dada por seus pais”.

Ademais, em relação à interferência dos adultos no cotidiano das crianças, percebe-se que quando as mesmas estão por explorar e descobrir o próprio corpo, ou mesmo o corpo do outro, investigando e formulando ideais ou até reformulando concepções já existentes, os adultos julgam essas atitudes como inadequadas e impróprias.

Sob esse viés, Sanderson (2005, p. 31) apresenta que “Se dizem a elas que tocar as áreas sexuais do corpo é sujo ou nojento, elas interpretarão como sujo ou nojento”. Assim, é preciso que os pais e adultos tenham um diálogo adequado frente à exploração do corpo pela criança.

Segundo Sanderson (2005), se os pais tiverem uma postura temerosa que apresente a noção de que as áreas sexuais são fonte de constrangimento, a criança terá vergonha de seu corpo e das suas descobertas. No que se refere a orientação adequada, a autora assegura:

É preciso orientar a criança, sem envergonhá-la, de que a auto-exploração genital não é algo para se fazer em público, e que, apesar de os genitais serem uma fonte de prazer, outras pessoas, em especial crianças bem mais velhas ou adultos, não devem instigar o toque dessas áreas. (SANDERSON, 2005, p. 32).

Como se pode afirmar, o diálogo e a orientação adequada devem sempre estar presentes no cotidiano da relação entre os adultos (pais, professores e outros) e as crianças. Sanderson (2005) ainda garante que as crianças precisam aprender sobre a sexualidade de uma maneira que não as deixe envergonhadas.

A autora acima citada ainda assevera que as crianças aprendem a sexualidade de forma intuitiva:

Crianças pequenas fazem isso intuitivamente, como resposta a estímulos sensoriais. À medida que se desenvolvem e crescem, um entendimento cognitivo maior é adquirido sobre o que é sexual e o que não é. Crianças mais velhas começam a saber *com quem* e com *que idade* elas podem ter sexo, e *quando* e *onde* é apropriado. Também ficam sabendo *por que* as pessoas fazem sexo, não apenas em termos de reprodução, mas também como forma de expressão emocional. É imperativo que os pais estejam cientes de suas próprias crenças e atitudes para garantir que as crianças sejam orientadas de maneira apropriada e tenham a capacidade de desenvolver atitudes saudáveis e confiantes em relação a seus corpos e à sexualidade. (SANDERSON, 2005, p. 33).

Para Schindhelm (2011, p.15) “A sexualidade é uma dimensão humana que acompanha as pessoas ao longo de toda a vida, num conjunto de tudo que ouvimos, vemos, sentimos e recebemos da família, escola, comunidade e cultura onde estamos inseridos”.

Nesse sentido, é possível afirmar que atualmente já se reconhece mais amplamente a sexualidade, mas mesmo assim, ainda existe certo medo de falar sobre. Não se pode mais ficar indiferente à sexualidade infantil, tendo em vista que as crianças exploram o seu corpo e mundo, descobrindo-os através das sensações.

**3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da análise das definições de sexualidade, é possível afirmar que todas as pessoas possuem sexualidade, mesmo as crianças pequenas, desfazendo a concepção que existia, a qual os adultos eram indiferentes.

Além disso, percebe-se que o diálogo adequado continua sendo a melhor forma de intervenção e proteção que existe entre os adultos e as crianças. Ressalta-se também, a relevância da postura que pais e educadores têm em relação ao assunto, pois estes servem como base para as mesmas.

Portanto torna-se, fundamental que o medo e o tabu de falar sobre a sexualidade sejam esquecidos, para que as crianças não busquem sanar suas curiosidades em meios que não remetem confiança, como os meios eletrônicos – internet e mídia – ou ainda com amigos e pessoas mais velhas não confiáveis.

Em síntese, é preciso reconhecer que a criança desenvolve sua sexualidade ao longo de toda a vida. A criança descobre a sexualidade através da exploração do seu corpo e o corpo do outro, através do toque e da observação, desvendando sensações boas e ruins. E, é nesta exploração que tanto pais como educadores têm um papel de extrema importância à medida em que são os responsáveis por mediar e conduzir os comportamentos das crianças.

**REFEREÊNCIAS**

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S. A., 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação Sexual na Escola**: mito e realidade. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

MORAIS, Fernanda Rodrigues Chaves; PENNA, Lucia Helena Garcia; PROGIANTI, Jane Marcia. A construção do conceito da sexualidade no contexto da enfermagem. **Revista de Pesquisa: Cuidado é fundamental Online**, v. 2, n. 3, p. 1071-1079, jul/set 2010. Disponível em:<[file:///C:/Users/Usuario%20Especial/Downloads/Dialnet-AConstrucaoDoConceitoDaSexualidadeNoContextoDaEnfe-3650943.pdf](file:///C%3A/Users/Usuario%20Especial/Downloads/Dialnet-AConstrucaoDoConceitoDaSexualidadeNoContextoDaEnfe-3650943.pdf)>. Acesso em: 06 de setembro de 2016.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. Campinas, SP: Papirus, 1987.

SANDERSON, Christiane. **Abuso Sexual em Crianças**. Tradução de Frank de Oliveira. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2008.

SCHINDHELM, Virginia Georg. A sexualidade na educação infantil. **Revista Aleph Infâncias**. Ano V, nº 16. Novembro, 2011. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistaleph/pdf/art9.pdf>>. Acesso em: 10 de maio de 2016.

1. Acadêmica do VIII semestre do curso de Pedagogia da FAI Faculdades de Itapiranga. Email: cintia.taizaklein@hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Psicóloga, professora do curso de Pedagogia da FAI Faculdades de Itapiranga. Email: deise.stein@seifai.edu.br [↑](#footnote-ref-2)